

# VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA LIBRAS: IDENTIDADE, COMUNIDADE SURDA E USOS SOCIAIS DA LÍNGUA

*LINGUISTIC VARIATION IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE: IDENTITY, DEAF COMMUNITY AND SOCIAL USES OF LANGUAGE*

## **Pamella Elaine Prestes da Cunha**

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
Mestranda em Linguística

## **Sailloane Alandia Soares Simão**

Universidade Federal do Amapá, Brasil  
Mestranda em Letras

## **Valdicley Pereira Campos**

Universidade Norte do Paraná, Brasil  
Graduado em Pedagogia

## **Adriano de Oliveira Gianotto**

Universidade Católica Dom Bosco, Brasil  
Doutor em Desenvolvimento Local

## **Wendel de Oliveira**

Universidade Federal Fluminense, Brasil  
Mestre em Diversidade e Inclusão

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i6.687>

Aceito em: 14.06.2026

**Resumo:** Este artigo discute a variação linguística na Língua Brasileira de Sinais (Libras), articulando-a aos processos de construção identitária, à cultura surda, à comunidade linguística e aos usos sociais contemporâneos da língua. Parte-se da compreensão de que a Libras, como língua natural de modalidade visuoespacial, apresenta heterogeneidade constitutiva, manifestada em diferentes níveis, como o lexical, o fonológico, o regional, o discursivo e o terminológico. O estudo fundamenta-se em abordagem bibliográfica, com base em pesquisas sociolinguísticas sobre línguas de sinais, identidade surda, variação lexical e fonológica, tecnologias digitais e produção de sinais em contextos especializados. Defende-se que a variação não representa erro, desvio ou fragilidade linguística, mas evidencia a vitalidade da Libras e sua capacidade de adaptação às necessidades comunicativas de seus usuários. A análise destaca que fatores regionais, sociais, geracionais, educacionais, culturais e tecnológicos influenciam a produção e a circulação de variantes. Também se enfatiza que a língua ocupa papel central na constituição da identidade surda, pois possibilita pertencimento, interação comunitária, resistência cultural e participação social. Os usos digitais da Libras, especialmente em redes sociais, vídeos e aplicativos de comunicação, ampliam a visibilidade da língua e favorecem a criação de novos sinais. Conclui-se que reconhecer a variação linguística da Libras é fundamental para combater preconceitos linguísticos, fortalecer políticas de educação bilíngue e valorizar a diversidade cultural das comunidades surdas brasileiras. Assim, o artigo

também contribui para ampliar o debate acadêmico sobre Libras, sociolinguística e direitos linguísticos, reafirmando a legitimidade das múltiplas formas de sinalização no Brasil contemporâneo, em diferentes espaços sociais.

**Palavras-chave:** Libras. Variação linguística. Identidade surda. Comunidade surda. Sociolinguística.

**Abstract:** This article discusses linguistic variation in Brazilian Sign Language (Libras), relating it to processes of identity construction, Deaf culture, the linguistic community, and contemporary social uses of the language. It is based on the understanding that Libras, as a natural language of visual-spatial modality, presents constitutive heterogeneity, manifested at different levels, such as lexical, phonological, regional, discursive, and terminological dimensions. The study adopts a bibliographic approach, drawing on sociolinguistic research on sign languages, Deaf identity, lexical and phonological variation, digital technologies, and the production of signs in specialized contexts. It argues that variation does not represent error, deviation, or linguistic weakness, but rather reveals the vitality of Libras and its capacity to adapt to the communicative needs of its users. The analysis highlights that regional, social, generational, educational, cultural, and technological factors influence the production and circulation of variants. It also emphasizes that language plays a central role in the constitution of Deaf identity, since it enables belonging, community interaction, cultural resistance, and social participation. The digital uses of Libras, especially on social networks, videos, and communication applications, expand the visibility of the language and favor the creation of new signs. It is concluded that recognizing linguistic variation in Libras is fundamental to combating linguistic prejudice, strengthening bilingual education policies, and valuing the cultural diversity of Brazilian Deaf communities. Thus, the article also contributes to broadening the academic debate on Libras, sociolinguistics, and linguistic rights, reaffirming the legitimacy of multiple forms of signing in **contemporary Brazil, across diverse social spaces.**

**Keywords:** Libras. Linguistic variation. Deaf identity. Deaf community. Sociolinguistics.

## Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), reconhecida oficialmente pela Lei nº 10.436/2002 e regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, constitui-se como uma língua natural de modalidade visuoespacial, utilizada pelas comunidades surdas brasileiras como principal instrumento de comunicação, interação social e construção identitária. Assim como ocorre em todas as línguas naturais, a Libras apresenta fenômenos de variação linguística decorrentes de fatores históricos, geográficos, sociais, culturais e situacionais. A compreensão dessas variações é fundamental para o reconhecimento da diversidade linguística existente entre os sujeitos surdos e para a valorização das múltiplas formas de expressão presentes na comunidade surda.

Durante muito tempo, as pesquisas sobre a Libras concentraram-se na comprovação de seu status linguístico, enfatizando aspectos estruturais, gramaticais e fonológicos. Entretanto, estudos mais recentes têm ampliado o debate para questões sociolinguísticas, evidenciando que

a língua de sinais também está sujeita aos mesmos processos de mudança e variação observados nas línguas orais. Nesse contexto, Xavier (2019) argumenta que a variação constitui uma característica inerente às línguas sinalizadas, manifestando-se em diferentes níveis estruturais e refletindo fatores internos e externos à língua.

A perspectiva sociolinguística aplicada às línguas de sinais permite compreender que a Libras não é homogênea. Pelo contrário, trata-se de uma língua dinâmica, marcada pela diversidade de usos produzidos pelas diferentes comunidades surdas espalhadas pelo território nacional. Segundo Barbosa da Silva (2025), a Libras está sujeita a formas variadas de variação linguística, incluindo as dimensões diatópica, diastrática, diafásica, diacrônica e diaglósica, esta última relacionada ao contato permanente entre Libras e língua portuguesa.

Nesse sentido, a variação diatópica evidencia diferenças regionais observadas na produção de sinais utilizados para representar um mesmo conceito. Em diferentes estados brasileiros, é possível encontrar sinais distintos para designar objetos, profissões, locais ou situações cotidianas. Essas diferenças não representam erros ou desvios linguísticos, mas manifestações legítimas da diversidade cultural das comunidades surdas locais. Conforme apontam Fischer e Xavier (2024), a existência de variantes lexicais para determinados conceitos demonstra a vitalidade da Libras e sua capacidade de adaptação às realidades socioculturais dos usuários.

Os estudos sobre a variação lexical evidenciam que diferentes sinais podem coexistir para representar um mesmo referente. Arzua e Xavier (2024) identificaram múltiplas variantes para os conceitos “YouTube” e “WhatsApp”, demonstrando que fatores como região geográfica, faixa etária, experiências comunicativas e redes de interação social influenciam diretamente a escolha dos sinais. Os autores observaram que a emergência de novas tecnologias favorece processos contínuos de inovação lexical, ampliando o repertório linguístico da comunidade surda.

Além da variação lexical, a Libras apresenta importantes fenômenos de variação fonológica. Xavier e Barbosa (2017) destacam que diferentes produções de um mesmo sinal podem ocorrer sem comprometer sua compreensão pelos interlocutores. Essas diferenças podem envolver alterações nos parâmetros fonológicos da língua, tais como configuração de mão, movimento, orientação, localização e expressões não manuais. Apesar da variabilidade observada, os autores ressaltam que determinadas características permanecem relativamente estáveis, permitindo o reconhecimento do sinal pelos usuários da língua.

Ao discutir a diversidade linguística existente nas comunidades surdas brasileiras, Barbosa da Silva (2025) enfatiza que não existe apenas uma Libras homogênea e uniforme. Segundo o autor, há uma pluralidade de variedades linguísticas que refletem trajetórias históricas distintas, diferentes níveis de contato com a língua portuguesa e experiências socioculturais específicas. Tal compreensão aproxima os estudos da Libras das perspectivas contemporâneas da Sociolinguística Variacionista, que compreendem a heterogeneidade como característica constitutiva das línguas naturais.

A discussão sobre variação linguística está profundamente relacionada à questão da identidade surda. A língua desempenha papel central na constituição dos sujeitos, possibilitando a construção de vínculos sociais, culturais e afetivos. Para Cromack (2004), a identidade surda não pode ser compreendida apenas a partir da condição biológica da surdez, mas deve ser analisada como resultado de processos sociais, culturais e linguísticos que ocorrem no interior das comunidades surdas. A autora destaca que a linguagem constitui elemento fundamental na formação da subjetividade e na organização das experiências coletivas vivenciadas pelos surdos.

Sob essa perspectiva, a Libras ultrapassa a função comunicativa e assume papel central na constituição de identidades culturais específicas. Conforme argumenta Perlin (2003 *apud* Cromack, 2004), a identidade surda emerge da interação entre sujeitos que compartilham experiências visuais, práticas culturais próprias e uma língua comum. A participação em espaços de convivência surda favorece o fortalecimento do sentimento de pertencimento e a construção de referências culturais compartilhadas.

A relação entre língua e identidade também é discutida por Giammelaro, Gesueli e Silva (2013), que destacam a importância da interação entre crianças surdas e adultos surdos no processo de aquisição da Libras. Segundo as autoras, o contato com modelos linguísticos surdos favorece não apenas o desenvolvimento da linguagem, mas também a constituição positiva da identidade surda. A convivência com outros usuários da Libras permite que a criança reconheça a si mesma como integrante de uma comunidade linguística específica.

Nesse contexto, a comunidade surda desempenha papel fundamental na preservação e transmissão da língua. Mais do que um agrupamento de indivíduos com deficiência auditiva, a comunidade surda caracteriza-se pela partilha de valores, práticas culturais, experiências visuais e formas próprias de organização social. De acordo com Strobel (2008 *apud* De Paula, 2009), a comunidade surda constitui um espaço de produção cultural e resistência política, onde a Libras ocupa posição central na manutenção da memória coletiva e da identidade cultural.

As escolas bilíngues, associações de surdos, movimentos sociais e ambientes digitais têm contribuído significativamente para a expansão dos usos sociais da Libras. Esses espaços possibilitam a circulação de novos sinais, a consolidação de variantes linguísticas e a ampliação das redes de interação entre sujeitos surdos. De Paula (2009) destaca que a escola exerce papel decisivo na construção identitária dos estudantes surdos, especialmente quando reconhece a Libras como língua de instrução e valoriza a cultura surda como elemento legítimo do processo educacional.

Os avanços tecnológicos também têm produzido impactos significativos sobre os usos sociais da Libras. O crescimento das redes sociais, plataformas digitais e ambientes virtuais de aprendizagem ampliou as possibilidades de comunicação entre sujeitos surdos, favorecendo a circulação de novos vocabulários e o surgimento de neologismos. Francisco e Machado (2022) observam que o período da pandemia de Covid-19 intensificou processos de criação lexical

na Libras, especialmente em áreas relacionadas à saúde pública, demonstrando a capacidade adaptativa da língua diante de novas demandas sociais.

A produção de sinais-termo em áreas especializadas também evidencia a dinamicidade linguística da Libras. Santana e Santos (2022) verificaram que a terminologia utilizada em cursos de eletrotécnica apresenta significativa variação denominativa, influenciada por fatores institucionais, regionais e socioculturais. Os autores defendem que a diversidade terminológica não deve ser interpretada como problema, mas como reflexo da riqueza linguística presente nas comunidades surdas.

No campo da saúde, Francisco e Castro Júnior (2026) argumentam que a variação linguística da Libras possibilita a adaptação dos sinais às necessidades específicas dos diferentes contextos comunicativos. Os autores demonstram que aspectos semântico-lexicais, culturais e regionais influenciam diretamente a escolha dos sinais utilizados para representar conceitos médicos e científicos, evidenciando a estreita relação entre língua, cultura e práticas sociais.

A partir dessas discussões, torna-se evidente que a Libras constitui um sistema linguístico vivo, dinâmico e socialmente situado. Suas variações refletem processos históricos, culturais e identitários que atravessam a experiência da surdez no Brasil. O reconhecimento da diversidade linguística presente na Libras contribui para o fortalecimento das políticas linguísticas voltadas à comunidade surda e para o combate a concepções normativas que buscam homogeneizar práticas comunicativas marcadas pela pluralidade.

Dessa forma, compreender a variação linguística na Libras implica reconhecer a complexidade das relações entre língua, identidade e cultura. A heterogeneidade observada nos usos linguísticos não representa fragilidade ou instabilidade, mas evidencia a vitalidade de uma língua que continua se transformando em resposta às necessidades comunicativas, sociais e culturais de seus usuários. Assim como ocorre em qualquer língua natural, a diversidade constitui elemento fundamental para a manutenção e desenvolvimento da Libras, reafirmando seu papel como patrimônio linguístico e cultural da comunidade surda brasileira.

## Referencial teórico

A compreensão da Língua Brasileira de Sinais — Libras — como língua natural pressupõe o reconhecimento de sua organização gramatical, de sua historicidade e de sua heterogeneidade constitutiva. Assim como ocorre nas línguas orais, a Libras não se apresenta como sistema uniforme, estático ou homogêneo, mas como prática linguística socialmente situada, atravessada por fatores regionais, sociais, culturais, etários, identitários e discursivos. Nessa perspectiva, a variação linguística não deve ser interpretada como falha, desvio ou ausência de padronização, mas como uma dimensão própria do funcionamento das línguas humanas.

Os estudos linguísticos sobre as línguas de sinais tiveram, historicamente, grande preocupação em demonstrar que essas línguas possuem estrutura gramatical própria. A partir dos trabalhos pioneiros de Stokoe, especialmente no contexto da Língua Americana de Sinais — ASL

—, tornou-se possível demonstrar que os sinais são constituídos por unidades menores, finitas e recombináveis, equivalentes aos parâmetros fonológicos das línguas sinalizadas. Conforme Stokoe (1960 *apud* Xavier, 2019, p. 49), as línguas de sinais apresentam dupla articulação e organização interna, o que contribuiu para o reconhecimento científico de seu estatuto linguístico.

Entretanto, a legitimação das línguas de sinais não se restringe apenas à comprovação de sua estrutura fonológica, morfológica ou sintática. A variação também constitui evidência importante de sua natureza linguística. Xavier (2019, p. 48) observa que, frequentemente, os argumentos em defesa das línguas sinalizadas concentraram-se em seus aspectos estruturais, deixando em segundo plano elementos igualmente relevantes, como a variação decorrente de fatores intra e extralinguísticos. Desse modo, investigar a variação sociolinguística da Libras significa reconhecer que ela se comporta como qualquer língua natural, sendo sensível às práticas sociais de seus usuários.

Em perspectiva sociolinguística, a variação é entendida como fenômeno regular, sistemático e socialmente condicionado. Ela pode manifestar-se em diferentes níveis da língua, como o fonético-fonológico, o lexical, o morfossintático, o semântico e o discursivo. No caso da Libras, tais variações podem envolver diferenças na configuração de mão, no movimento, na orientação da palma, na localização do sinal, no número de mãos, nas expressões não manuais e na escolha de sinais distintos para um mesmo conceito. Assim, a Libras revela processos de alternância e mudança que expressam a diversidade de suas comunidades usuárias.

Xavier (2019, p. 49), ao discutir a variação sociolinguística em línguas sinalizadas, retoma Schembri e Johnston para explicar que os fatores motivadores da variação podem ser de natureza linguística, social e estilística. Segundo Schembri e Johnston (2012 *apud* Xavier, 2019, p. 49), os fatores linguísticos dizem respeito ao ambiente fonológico, aos contextos morfossintáticos e discursivos; os fatores sociais relacionam-se à idade, região, gênero, etnia e classe social; e os fatores estilísticos vinculam-se à situação comunicativa, ao tema tratado e ao interlocutor. Essa abordagem permite compreender que a variação não ocorre de forma aleatória, mas segundo padrões observáveis nas práticas sociais.

A variação [...] é motivada por três categorias de fatores complexamente inter-relacionados os linguísticos ou internos, os sociais ou inter-sujeito e os estilísticos ou intra-sujeito (Xavier, 2019, p. 49).

No caso específico da Libras, os processos de variação também se relacionam ao contato permanente com a língua portuguesa. A comunidade surda brasileira vive em contexto bilíngue e bimodal, no qual a Libras, língua de modalidade visuoespacial, convive com o português, língua de modalidade oral-auditiva e escrita. Esse contato produz fenômenos como empréstimos, soletração manual, oralização, mouthing, alternância de códigos e formas de sinalização influenciadas pela estrutura do português. Tais fenômenos não devem ser compreendidos de

modo simplista, pois revelam relações complexas entre língua, poder, escolarização, acessibilidade e pertencimento cultural.

Barbosa da Silva (2025) amplia essa discussão ao problematizar a ideia de uma Libras única e homogênea. Para o autor, a Libras está sujeita a diferentes formas de variação, incluindo as dimensões diatópica, diacrônica, diafásica, diastrática, diaétnica e diaglósica. A variação diatópica refere-se às diferenças regionais; a diacrônica, às mudanças ao longo do tempo; a diafásica, aos diferentes estilos de uso; a diastrática, às diferenças entre grupos sociais; a diaétnica, às variações vinculadas a identidades étnico-raciais; e a diaglósica, ao contato entre Libras e português. Tal compreensão reforça a necessidade de combater o preconceito linguístico contra formas não padronizadas de sinalização.

A Sociolinguística Variacionista contribui para deslocar a análise da língua de uma perspectiva normativa para uma perspectiva descritiva e social. Nessa direção, Francisco e Castro Júnior (2026, p. 294) afirmam que o estudo da variação linguística da Libras auxilia na compreensão de como as línguas de sinais se adaptam a diferentes comunidades surdas, contextos regionais e situações comunicativas. Essa abordagem evidencia que a variação não compromete a legitimidade da Libras; ao contrário, demonstra sua vitalidade, sua produtividade e sua capacidade de responder às necessidades comunicativas de seus usuários.

A variação que é encontrada na Libras faz parte de um processo natural da língua e não compromete sua legitimidade ou sua eficácia como meio de comunicação. A presença de variações torna a língua mais dinâmica e permite atender às diferentes realidades e preferências dos surdos. Essa flexibilidade é um reflexo da diversidade cultural e regional da Comunidade Surda, contribuindo para a inclusão e o reconhecimento da Libras como parte essencial da diversidade linguística e cultural da sociedade (Francisco; Castro Júnior, 2026, p. 21).

A análise da variação linguística da Libras também tem implicações educacionais, políticas e culturais. Quando a escola, a universidade, os serviços públicos ou os materiais didáticos ignoram a diversidade linguística da Libras, tendem a privilegiar determinadas variantes em detrimento de outras, produzindo hierarquizações internas na própria comunidade surda. Desse modo, o reconhecimento da variação é condição fundamental para práticas pedagógicas bilíngues, para a formação de tradutores e intérpretes, para a produção de glossários especializados e para a formulação de políticas linguísticas mais sensíveis à pluralidade surda.

A tentativa de estabelecer uma variedade padrão da Libras, embora possa responder a necessidades institucionais de ensino, tradução e registro, deve ser conduzida com cautela. A padronização, quando confundida com normatização rígida, pode apagar variantes regionais e marginalizar formas legítimas de uso da língua. Xavier (2019, p. 49) observa que a constituição de uma variedade padrão nas línguas sinalizadas pode ocorrer por mecanismos diversos, como ampliação do contato entre sinalizantes, circulação midiática, publicação de dicionários,

gramáticas e materiais educacionais. Entretanto, tais processos não anulam a existência de variedades locais, comunitárias e identitárias.

Desse modo, pensar a variação linguística da Libras implica compreender a língua em sua relação com o território, a história, a comunidade e os usos sociais. A Libras não é apenas um conjunto de sinais formalmente descritos, mas um sistema vivo, produzido por sujeitos concretos em interações concretas. Suas formas variáveis expressam modos de vida, trajetórias escolares, pertencimentos regionais, experiências familiares, relações intergeracionais e práticas culturais da comunidade surda brasileira.

A discussão sobre a variação linguística da Libras não pode ser separada da questão da identidade surda. A língua ocupa lugar central na constituição dos sujeitos, pois possibilita a interação social, a construção de sentidos, a organização do pensamento e o pertencimento a uma comunidade cultural. Para os sujeitos surdos, a Libras não representa apenas um instrumento de comunicação, mas uma língua de identificação, resistência e afirmação cultural. Por meio dela, os surdos constroem vínculos, compartilham experiências visuais e produzem formas próprias de interpretar o mundo.

Cromack (2004, p. 69) destaca que a surdez não deve ser compreendida somente como deficiência sensorial, uma vez que suas consequências sociais estão diretamente relacionadas às possibilidades de comunicação, interação e reconhecimento. Quando o sujeito surdo não tem acesso a uma língua compartilhada, podem ocorrer isolamento, discriminação e prejuízos no desenvolvimento intelectual, social e emocional. Assim, a aquisição da língua de sinais torna-se fundamental para a constituição da identidade pessoal e cultural do sujeito surdo.

A identidade surda é construída nas relações sociais, especialmente nos espaços em que a Libras circula como língua legítima. A convivência com outros sujeitos surdos possibilita o reconhecimento de experiências comuns e o fortalecimento de uma identidade cultural visual. Perlin (1998 *apud* Cromack, 2004, p. 69) compreende a identidade cultural como um conjunto de características que definem um grupo e incidem sobre a construção dos sujeitos, tanto por mecanismos de identificação quanto de exclusão. No caso da surdez, a identidade se forma no encontro com uma comunidade que compartilha práticas linguísticas, culturais e políticas.

Cromack (2004) observa que muitos sujeitos surdos transitam entre a cultura surda e a cultura ouvinte. Essa circulação pode produzir identidades fragmentadas, especialmente quando o sujeito não encontra condições plenas de pertencimento linguístico em nenhum dos espaços. Skliar (1998 *apud* Cromack, 2004, p. 70) denomina esse processo de identidade flutuante, indicando a condição de sujeitos que não se encontram plenamente inseridos nem na comunidade ouvinte, pela ausência de comunicação plena, nem na comunidade surda, pela falta de acesso à língua de sinais. Tal reflexão evidencia que a língua é elemento integrador da experiência subjetiva e social.

A identidade surda, portanto, não é fixa, homogênea ou universal. Ela se constitui em processos históricos, discursivos e culturais, atravessados por relações de poder e por diferentes

experiências de acesso à Libras. Giammelaro, Gesueli e Silva (2013, p. 516) assumem a noção de identidade pós-moderna, compreendendo as identidades como plurais, fragmentadas e em constante construção. Desse modo, falar em identidade surda significa reconhecer múltiplas formas de ser surdo, considerando trajetórias familiares, educacionais, linguísticas e comunitárias diversas.

A relação entre sujeito e linguagem é decisiva nesse processo. Rajagopalan (2006 *apud* Giammelaro; Gesueli; Silva, 2013, p. 516) afirma que a identidade se constrói na língua e por meio dela, não havendo identidade fixa anterior ou externa à linguagem. De modo semelhante, Maher (2006 *apud* Giammelaro; Gesueli; Silva, 2013, p. 516) ressalta que é no uso da linguagem que as pessoas constroem e projetam suas identidades. A partir dessa perspectiva, a Libras não apenas expressa uma identidade já existente, mas participa ativamente de sua constituição.

A aquisição da Libras, nesse sentido, não pode ser reduzida a uma questão comunicativa. Ela envolve a possibilidade de o sujeito surdo significar o mundo, participar de práticas sociais e reconhecer-se como pertencente a uma comunidade linguística. Dizeu e Caporali (2005 *apud* Giammelaro; Gesueli; Silva, 2013, p. 516) defendem que, a partir da aquisição da língua, a criança passa a construir sua subjetividade, inserindo-se no processo dialógico de sua comunidade. Para a criança surda, a língua de sinais cumpre essa função constitutiva, possibilitando novas formas de compreensão de si e do outro.

O mesmo processo acontecerá com a criança surda: ao adquirir a língua de sinais se tornará capaz de significar o mundo (Dizeu; Caporali, 2005) e de construir sua identidade, uma vez que “a construção da identidade não é do domínio exclusivo de língua alguma, ainda que ela seja, sempre, da ordem do discurso” (Maher, 2006, p. 135).

A presença de adultos surdos no processo educacional assume, portanto, papel fundamental. Giammelaro, Gesueli e Silva (2013, p. 509-510) demonstram que a interação entre crianças surdas e instrutores surdos favorece tanto a aquisição da Libras quanto a formação da identidade surda. O adulto surdo funciona como modelo linguístico e cultural, permitindo que a criança se reconheça como usuária legítima da língua de sinais. Esse reconhecimento é especialmente importante porque grande parte das crianças surdas nasce em famílias ouvintes, nas quais o acesso precoce à Libras nem sempre ocorre de forma natural.

A comunidade surda, nesse contexto, constitui espaço de circulação linguística, cultural e política. Ela não se define apenas pela condição audiológica dos sujeitos, mas pela partilha de uma língua, de experiências visuais e de práticas culturais específicas. O encontro surdo-surdo, conforme Perlin (1998 *apud* Giammelaro; Gesueli; Silva, 2013, p. 517), é essencial para a construção da identidade surda, pois possibilita o reconhecimento de si no outro e o fortalecimento de uma identidade centrada na experiência visual.

A escola também ocupa lugar decisivo nesse processo. De Paula (2009, p. 407) afirma que o contexto escolar é extremamente importante para a pessoa surda, sobretudo porque

muitos estudantes surdos provêm de famílias ouvintes. A autora observa que os estudos sobre identidade surda indicam a importância do contato com outros indivíduos surdos, uma vez que entre surdos há o uso comum de um sistema linguístico — a Libras —, o que nem sempre ocorre naturalmente na interação entre surdos e ouvintes. Desse modo, a escola pode tanto favorecer quanto dificultar a construção identitária, dependendo da forma como reconhece ou nega a língua e a cultura surda.

Quando a cultura escolar valoriza apenas a homogeneidade, os ritmos ouvintes, a oralidade e a norma majoritária, tende a produzir apagamentos das culturas minoritárias. De Paula (2009, p. 407-408) ressalta que a cultura escolar, por ser frequentemente burocratizada e normativa, pode dificultar a afirmação identitária de minorias linguísticas. Nesse sentido, a presença da Libras na escola não deve ser tratada apenas como recurso de acessibilidade, mas como direito linguístico, condição pedagógica e fundamento cultural da educação de surdos.

A identidade surda, portanto, constitui-se em relação direta com a língua, a cultura e a comunidade. A Libras funciona como mediadora de experiências coletivas, instrumento de resistência política e elemento de pertencimento. A valorização de suas variações linguísticas contribui para fortalecer a pluralidade das identidades surdas, evitando que uma única forma de sinalizar seja tomada como expressão legítima de toda a comunidade. Assim, reconhecer a diversidade da Libras significa também reconhecer a diversidade dos sujeitos surdos.

A variação lexical ocorre quando diferentes sinais são utilizados para designar um mesmo conceito. Esse fenômeno é amplamente observado na Libras e pode estar associado a fatores regionais, etários, sociais, escolares, religiosos, profissionais e identitários. Arzua e Xavier (2023/2024, p. 2) explicam que a variação lexical consiste na existência de mais de uma palavra ou sinal para expressar um mesmo significado. Na Libras, tal fenômeno pode ser observado em diferentes domínios do cotidiano, como sinais para parentesco, profissões, tecnologias, alimentos, animais, cores, locais e termos especializados.

A variação lexical consiste na existência de mais de uma palavra para designar um mesmo conceito. Com base em Silva (2014), podemos exemplificar esse tipo de variação citando os dois sinais da libras que representam o conceito 'mãe' (Arzua; Xavier, 2023/2024, p. 2).

A variação lexical deve ser compreendida como manifestação da vitalidade da língua. Quando uma comunidade surda cria ou utiliza sinais diferentes para o mesmo referente, não se trata de erro, mas de produção linguística situada. Cada variante pode carregar marcas de origem regional, pertencimento comunitário, circulação institucional ou influência de determinados grupos sociais. Nesse sentido, o léxico da Libras não é um inventário fechado, mas um campo dinâmico de criação, circulação e negociação de sentidos.

Arzua e Xavier (2023/2024, p. 4-5), com base em Xavier (2019), apontam que a variação lexical nas línguas sinalizadas pode ser motivada por fatores como região, gênero, etnia, idade, sexualidade e religião. A partir de Adam (2012 *apud* Arzua; Xavier, 2023/2024, p. 5), os autores

exemplificam a variação lexical regional com diferenças observadas na língua de sinais australiana, na qual sinais para cores variam conforme a região. Embora o exemplo seja de outra língua de sinais, ele contribui para compreender que a variação regional é fenômeno recorrente nas línguas sinalizadas e deve ser investigado de forma sistemática na Libras.

Na Libras, os estudos sobre variação regional têm demonstrado que diferentes comunidades surdas brasileiras produzem e mantêm sinais próprios. Tais variantes regionais podem emergir de associações de surdos, escolas bilíngues, grupos familiares, cursos de Libras, instituições religiosas, universidades e redes digitais. A circulação de sinalizantes entre esses espaços pode favorecer tanto a manutenção de sinais locais quanto a difusão de variantes mais amplamente conhecidas. Assim, a variação regional revela a relação entre língua, território e comunidade.

A variação fonológica, por sua vez, refere-se às diferentes realizações de um mesmo sinal, sem alteração de significado. Nesse caso, a variação não envolve necessariamente a escolha de sinais completamente distintos, mas diferenças em algum parâmetro sublexical. Arzu e Xavier (2023/2024, p. 3) explicam que a variação fonológica pode ocorrer de forma livre ou motivada pelo contexto, produzindo diferentes realizações de uma mesma palavra ou sinal. Na Libras, essas diferenças podem envolver configuração de mão, orientação, movimento, localização, número de mãos e expressões não manuais.

Fischer e Xavier (2024, p. 3) esclarecem que, na variação lexical, as variantes correspondem ao uso de diferentes sinais com o mesmo significado; já na variação fonético-fonológica, as variantes são sublexicais, correspondendo a diferentes realizações de parâmetros como configuração de mão e orientação da palma. Essa distinção é fundamental para a descrição da Libras, pois permite diferenciar casos em que se tem sinais diferentes para o mesmo conceito daqueles em que se tem apenas formas distintas de realizar um mesmo sinal.

Xavier e Barbosa (2017, p. 983-984) analisam a variabilidade e a estabilidade na produção de sinais da Libras, demonstrando que um mesmo sinal pode apresentar variações entre diferentes sinalizantes e na produção de um mesmo sujeito. Os autores observam que, apesar da variabilidade em alguns parâmetros articulatórios, as produções mantêm elementos estáveis que permitem ao interlocutor reconhecer o sinal como pertencente à mesma unidade lexical. Essa relação entre variabilidade e estabilidade é central para compreender o funcionamento fonológico das línguas sinalizadas.

A estabilidade fonológica permite distinguir variação de mudança lexical. Quando as diferenças entre produções afetam apenas alguns parâmetros, mantendo traços suficientes de reconhecimento, tende-se a compreender essas formas como variantes fonológicas de um mesmo sinal. Quando, porém, as diferenças formais e motivacionais são mais amplas, pode-se estar diante de variantes lexicais distintas. Fischer e Xavier (2024, p. 1-2) demonstram essa questão ao analisar o sinal referente ao conceito “elevador”, argumentando que a distinção entre variação lexical e fonético-fonológica não deve basear-se apenas em semelhança formal, mas também na iconicidade e na motivação dos sinais.

A iconicidade, nesse contexto, desempenha papel relevante. Em línguas de sinais, muitos sinais são motivados visualmente por características do referente, por ações associadas a ele ou por representações metafóricas. Variantes lexicais distintas podem surgir porque diferentes comunidades selecionam aspectos diferentes de um mesmo conceito para representá-lo visualmente. Assim, duas variantes para um mesmo referente podem diferir não apenas em forma, mas também no modo como constroem a relação visual e semântica com o objeto ou conceito representado.

As expressões não manuais também participam da organização fonológica e lexical da Libras. Xavier (2019, p. 41-42), ao analisar expressões não manuais lexicais, observa que elas não devem ser entendidas apenas como marcas afetivas ou expressivas, pois podem desempenhar papel distintivo e obrigatório em determinados sinais. Esse entendimento amplia a análise da variação fonológica, pois mostra que o corpo, o rosto, o olhar, a boca, as sobrancelhas e outros articuladores não manuais integram a estrutura linguística das línguas de sinais.

A variação fonológica também se manifesta em estudos regionais. Lima, Garcia e Sousa (2024, p. 313-314), ao analisarem sinais de profissões no Inventário de Libras de Rio Branco, Acre, identificaram variações nos movimentos, nas configurações de mão e na direção dos movimentos. Os autores destacam que o estudo contribui para o registro de variantes regionais do Acre e para a compreensão das produções linguísticas em comunidades surdas locais. Tal perspectiva reforça a importância de inventários linguísticos regionais para documentação, ensino e pesquisa da Libras.

A variação denominativa em áreas especializadas também constitui campo relevante. Santana e Santos (2022) analisam sinais-termo da eletrotécnica utilizados no Maranhão e demonstram que há variação terminológica em contextos técnicos. Essa variação decorre de diferentes instituições, perfis sociais, contextos de interação e processos de criação terminológica. O estudo evidencia que a Libras também se expande em áreas científicas, profissionais e tecnológicas, produzindo sinais especializados que respondem às demandas de formação e atuação da comunidade surda.

No campo da saúde, Francisco e Castro Júnior (2026, p. 294) mostram que a variação semântico-lexical da Libras está relacionada à especificidade dos termos e conceitos envolvidos. Os autores observam que parâmetros como configuração de mão, movimento, expressões faciais e escolha lexical podem ser influenciados por fatores culturais, sociais e regionais. Isso indica que áreas especializadas, como saúde, educação, tecnologia e trabalho, constituem espaços privilegiados para observar a criação, a circulação e a estabilização de novos sinais.

Portanto, a variação lexical, fonológica e regional da Libras demonstra que essa língua é constituída por processos complexos de produção de sentido. A pluralidade de sinais e formas de sinalização não enfraquece a língua, mas evidencia sua capacidade de adaptação às necessidades comunicativas da comunidade surda. A descrição dessas variações é fundamental para combater

preconceitos linguísticos, qualificar o ensino da Libras, orientar a tradução e interpretação e fortalecer políticas linguísticas que respeitem a diversidade dos usos reais da língua.

As transformações tecnológicas contemporâneas têm impactado significativamente os usos sociais da Libras. A ampliação do acesso a celulares, redes sociais, plataformas de vídeo, aplicativos de mensagens, ambientes virtuais de aprendizagem e videochamadas possibilitou novas formas de circulação da língua. A Libras, por ser uma língua visuoespacial, encontrou nos recursos audiovisuais digitais um ambiente particularmente favorável para registro, compartilhamento e difusão de sinais, narrativas, aulas, traduções, poesias, debates políticos e conteúdos acadêmicos.

Francisco e Machado (2022, p. 145-146) destacam que o uso da tecnologia ampliou a visibilidade da Libras e intensificou processos de mudança lexical, especialmente pela introdução de novos sinais-termo. Durante a pandemia de Covid-19, a necessidade de comunicação rápida sobre temas de saúde pública favoreceu a criação e circulação de sinais relacionados ao vírus, à doença, à vacinação, ao isolamento social e às práticas sanitárias. A emergência desses sinais demonstra como os acontecimentos sociais produzem demandas linguísticas específicas.

A pandemia de Covid-19 intensificou o uso de vídeos em Libras nas redes sociais e em ambientes acadêmicos. Segundo Francisco e Machado (2022, p. 146), vídeos, aplicativos de mensagens e redes sociais passaram a auxiliar a aprendizagem e a comunicação, ampliando a interação entre surdos e demais usuários da Libras. Esse processo evidenciou a importância das tecnologias digitais na manutenção de vínculos comunicativos durante o isolamento social e na difusão de informações acessíveis à comunidade surda.

Castro Júnior (2014 *apud* Francisco; Machado, 2022, p. 146) afirma que o estudo da variação linguística da Libras constitui motivação para o desenvolvimento da língua, uma vez que sinalizantes de diferentes faixas etárias, regiões e níveis de escolaridade comunicam-se por meio da língua de sinais. O autor também chama atenção para a produção de sinais-termo por profissionais surdos e não surdos em diferentes espaços de interação, nem sempre acompanhada de registro e compartilhamento sistemático. Essa observação revela a necessidade de políticas de documentação lexical e terminológica.

As tecnologias digitais não apenas registram sinais já existentes, mas também favorecem a criação e circulação de novas formas linguísticas. Nas redes sociais, sinais podem difundir-se rapidamente, alcançar comunidades geograficamente distantes e sofrer adaptações conforme os contextos de uso. Isso produz novas dinâmicas de variação e mudança. Um sinal criado em determinado grupo pode ser apropriado, modificado ou substituído por outro em função de critérios como iconicidade, funcionalidade, prestígio social, facilidade articulatória ou identificação comunitária.

Arzua e Xavier (2023/2024, p. 1) oferecem exemplo importante desse fenômeno ao analisarem a variação lexical e fonológica nos conceitos “YouTube” e “WhatsApp”. A pesquisa coletou dados de 48 surdos, de diferentes estados brasileiros, por meio do WhatsApp, evidenciando

a própria tecnologia como instrumento de coleta e como objeto de análise linguística. Os autores identificaram cinco variantes lexicais para “YouTube” e três para “WhatsApp”, além de diferentes realizações fonológicas dessas variantes. Esses resultados demonstram que os usos digitais da Libras acompanham a expansão das práticas comunicativas contemporâneas.

A análise de sinais relacionados a plataformas digitais revela que a Libras responde rapidamente a novas realidades sociotécnicas. Conceitos como aplicativo, rede social, vídeo, postagem, live, chamada, compartilhamento e plataforma passam a exigir sinais capazes de representar experiências do cotidiano digital. Em muitos casos, esses sinais surgem de forma espontânea nas comunidades de uso, antes de qualquer registro formal em dicionários ou glossários. A língua, assim, mostra-se produtiva e sensível às transformações culturais.

A circulação digital também altera as formas de contato entre comunidades surdas regionais. Se antes muitos sinais permaneciam restritos a associações, escolas ou grupos locais, atualmente as redes sociais permitem maior exposição de variantes. Esse contato pode produzir convergência, quando uma variante se difunde e passa a ser amplamente usada, ou coexistência, quando diferentes variantes permanecem em circulação. Em ambos os casos, a tecnologia amplia o campo de observação da variação sociolinguística.

Os vídeos em Libras também desempenham papel relevante na educação de surdos. Francisco e Machado (2022, p. 146-149) discutem estudos que ressaltam o uso de vídeos como recurso didático, documental e cultural. A produção audiovisual permite registrar a estrutura visual da Libras, preservar narrativas surdas, divulgar materiais acessíveis e fortalecer a identidade linguística da comunidade. Além disso, os vídeos possibilitam que os próprios sujeitos surdos sejam produtores de conhecimento, e não apenas destinatários de conteúdos traduzidos.

No campo artístico e cultural, os recursos digitais ampliam a visibilidade de poesias, performances, narrativas e produções literárias em Libras. A performance sinalizada envolve corpo, movimento, expressões faciais, classificadores, ritmo visual e espacialidade. Esses elementos demonstram que a Libras não se limita à comunicação cotidiana, mas constitui também língua de criação estética, produção literária e afirmação cultural. A tecnologia, nesse caso, atua como meio de registro e circulação da arte surda.

A relação entre Libras e tecnologia também impõe desafios. A rápida circulação de sinais pode gerar disputas sobre legitimidade, padronização e autoria. Determinados sinais podem ganhar prestígio por serem utilizados por influenciadores, professores, intérpretes ou instituições, enquanto variantes locais podem ser invisibilizadas. Além disso, a ausência de registro sistemático pode dificultar a recuperação da origem e da motivação de certos sinais. Por isso, torna-se necessário articular o uso espontâneo das redes com práticas acadêmicas de documentação, descrição e análise linguística.

A produção de glossários digitais, bancos de sinais, inventários regionais e repositórios audiovisuais pode contribuir para o registro da diversidade da Libras. Tais instrumentos devem, contudo, evitar uma perspectiva normativa rígida. O objetivo não deve ser eliminar variantes,

mas documentá-las, descrevê-las e indicar seus contextos de uso. A tecnologia pode, nesse sentido, fortalecer uma política linguística plural, capaz de reconhecer a diversidade regional, social e cultural da comunidade surda brasileira.

Os usos sociais contemporâneos da Libras evidenciam que a língua está em permanente movimento. A vida digital, a educação bilíngue, os movimentos sociais surdos, os contextos profissionais, a saúde pública, a cultura visual e a produção acadêmica constituem espaços de expansão lexical e de variação. A Libras acompanha as transformações da sociedade porque seus usuários produzem respostas linguísticas às demandas de cada tempo histórico.

Assim, o estudo da variação linguística da Libras, articulado à identidade, à cultura surda e aos usos sociais contemporâneos, permite compreender a língua como prática viva. A Libras não se reduz a um sistema abstrato de sinais, mas constitui uma experiência coletiva de linguagem, pertencimento e produção cultural. Suas variações expressam a pluralidade da comunidade surda brasileira e revelam que a língua se transforma à medida que seus sujeitos ocupam novos espaços sociais, tecnológicos, educacionais e políticos.

## Conclusão

A análise da variação linguística na Língua Brasileira de Sinais evidencia que a Libras, assim como qualquer língua natural, constitui um sistema dinâmico, heterogêneo e socialmente construído. As diferentes formas de realização dos sinais, observadas nos níveis lexical, fonológico, regional e discursivo, demonstram que a diversidade linguística é uma característica inerente à língua e não um indicativo de fragilidade estrutural ou ausência de normatização. Ao contrário, a existência de variantes revela a vitalidade da Libras e sua capacidade de adaptação às necessidades comunicativas, culturais e sociais das comunidades surdas brasileiras.

Os estudos sociolinguísticos analisados permitiram compreender que a Libras é influenciada por fatores geográficos, históricos, geracionais, educacionais e identitários, produzindo diferentes formas de sinalização distribuídas pelo território nacional. Nesse contexto, a variação linguística deve ser reconhecida como patrimônio cultural da comunidade surda, pois expressa trajetórias coletivas, experiências locais e processos de construção de sentidos que enriquecem o repertório linguístico da língua.

A investigação também evidenciou a estreita relação entre língua, identidade e cultura surda. A Libras desempenha papel central na constituição das identidades surdas, funcionando como instrumento de pertencimento, socialização e produção cultural. O contato com outros usuários da língua, especialmente em espaços de convivência surda, favorece a construção de identidades positivas e o fortalecimento dos vínculos comunitários. Dessa forma, a valorização da Libras ultrapassa a dimensão comunicativa e assume relevância social, política e cultural para os sujeitos surdos.

Outro aspecto relevante refere-se ao impacto das tecnologias digitais nos usos contemporâneos da Libras. As redes sociais, plataformas digitais, aplicativos de comunicação e

ambientes virtuais ampliaram significativamente a circulação da língua, favorecendo a criação de novos sinais, a difusão de variantes regionais e a expansão dos espaços de interação entre usuários surdos. Esse cenário evidencia que a Libras acompanha as transformações sociais e tecnológicas da contemporaneidade, produzindo respostas linguísticas às novas demandas comunicativas da sociedade.

Conclui-se, portanto, que compreender a variação linguística da Libras implica reconhecer a pluralidade das experiências surdas e a legitimidade das diferentes formas de uso da língua. A valorização dessa diversidade contribui para o fortalecimento das políticas linguísticas, para a qualificação da educação bilíngue de surdos, para a formação de profissionais da área e para o combate ao preconceito linguístico. Assim, a Libras reafirma-se como língua viva, produtiva e fundamental para a construção da cidadania, da identidade e da cultura da comunidade surda brasileira.

## Referências

ADAM, Robert. Language contact and borrowing. In: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie (org.). **Sign language: an international handbook**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 841-861.

ARZUA, Gabriel Henrique; XAVIER, André Nogueira. Variação lexical e fonológica na expressão dos conceitos “YouTube” e “WhatsApp” na Libras. **GTLex**, Uberlândia, v. 9, e0918, 2023/2024. DOI: 10.14393/Lex-v9a2023/24-18.

BARBOSA DA SILVA, Diego. Uma Libras ou muitas Libras? Apontamentos sociolinguísticos sobre línguas de sinais no Brasil. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 19, e1909, 2025. DOI: 10.14393/DLv19a2025-9.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais — Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais — Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2002.

CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. **Projeto Varlibras**. 2014. 259 f. Tese (Doutorado em Linguística) — Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

CROMACK, Eliane Maria Polidoro da Costa. Identidade, cultura surda e produção de subjetividades e educação: atravessamentos e implicações sociais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 24, n. 4, p. 68-77, 2004.

DE PAULA, Liana Salmeron Botelho. Cultura escolar, cultura surda e construção de identidades na escola. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 15, n. 3, p. 407-416, set./dez. 2009.

DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; CAPORALI, Sueli Aparecida. A língua de sinais

constituindo o surdo como sujeito. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 583-597, 2005.

FISCHER, Katherine; XAVIER, André Nogueira. A variação lexical e fonológica na Libras na expressão do conceito “elevador”. **Cadernos de Linguística**, Campinas, v. 5, n. 2, e728, 2024. DOI: 10.25189/2675-4916.2024.V5.N2.ID728.

FRANCISCO, Gildete da Silva Amorim Mendes; CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. Variação linguística na Libras: um estudo reflexivo do aspecto semântico-lexical na área da saúde. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 42, e04242, p. 294-320, 2026. DOI: 10.14393/LL63-v42-2026-42.

FRANCISCO, Gildete da Silva Amorim Mendes; MACHADO, Vanessa Lima Vidal. A produtividade e a variação lexical da Libras durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. **Travessias Interativas**, São Cristóvão, v. 12, n. 26, p. 145-161, 2022. DOI: 10.51951/ti.v12i26.p145-161.

GIAMMELARO, Cíntia Najla Fahl; GESUELI, Zilda Maria; SILVA, Ivani Rodrigues. A relação sujeito/linguagem na construção da identidade surda. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 34, n. 123, p. 509-527, abr./jun. 2013.

LIMA, Israel Queiroz de; GARCIA, Rosana; SOUSA, Alexandre Melo de. A variação fonológica e lexical de sinais de profissões no Inventário de Libras de Rio Branco, Acre. **A Cor das Letras**, Feira de Santana, v. 25, n. 1, p. 313-332, dez. 2024. DOI: 10.13102/cl.v25i1.11756.

MAHER, Terezinha Machado. Sendo índio em português. In: SIGNORI, Inês (org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. 4. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 115-138.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 51-73.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORI, Inês (org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. 4. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 21-45.

SANTANA, Brandon Jhonata Cardoso; SANTOS, Georgiana Marcia Oliveira. A variação denominativa em Libras no Maranhão: uma análise de sinais-termo da eletrotécnica usados no IFMA/Monte Castelo e no SENAI-MA. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 61, n. 1, p. 5-17, jan./abr. 2022. DOI: 10.1590/01031813v61n120228667728.

SKLIAR, Carlos. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 7-32.

STOKOE, William C. Sign Language Structure: an outline of the visual communication systems of the American Deaf. **Studies in Linguistics: Occasional Papers**, Buffalo, v. 8, p. 7-78, 1960.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

XAVIER, André Nogueira. Análise preliminar de expressões não-manuais lexicais na Libras. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. XL, p. 41-66, 2019a.

XAVIER, André Nogueira. Panorama da variação sociolinguística em línguas sinalizadas. **Claraboia**, Jacarezinho, v. 12, p. 48-67, jul./dez. 2019b.

XAVIER, André Nogueira; BARBOSA, Felipe Venâncio. Variabilidade e estabilidade na produção de sinais da Libras. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 11, n. 3, p. 983-1006, jul./set. 2017. DOI: 10.14393/DL30-v11n3a2017-25.